

A HOMILIA E O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
ANO A

DOMINGO XXXIII DO TEMPO COMUM

CIC 2006-2011: o mérito das nossas boas obras vem da graça de Deus

- 2006** A palavra «mérito» designa, em geral, a *retribuição devida* por uma comunidade ou sociedade à acção de um dos seus membros, experimentada como um benefício ou um malefício, digna de recompensa ou de castigo. O mérito diz respeito à virtude da justiça, em conformidade com o princípio da igualdade que a rege.
- 2007** Em relação a Deus, não há, da parte do homem, mérito no sentido dum direito estrito. Entre Ele e nós, a desigualdade é sem medida, pois nós tudo recebemos d’Ele, nosso Criador.
- 2008** O mérito do homem perante Deus, na vida cristã, provém do facto de que *Deus dispôs livremente associar o homem à obra da sua graça*. A acção paterna de Deus é primeira, pelo seu impulso, e o livre agir do homem é segundo, na sua colaboração; de modo que os méritos das obras devem ser atribuídos à graça de Deus, primeiro, e depois ao fiel. Aliás, o próprio mérito do homem depende de Deus, porque as suas boas acções procedem, em Cristo, das predisposições e ajudas do Espírito Santo.
- 2009** A adopção filial, tornando-nos, pela graça, participantes da natureza divina, pode conferir-nos, segundo a justiça gratuita de Deus, um *verdadeiro mérito*. Trata-se de um direito derivante da graça, o direito pleno do amor que nos faz «co-herdeiros» de Cristo e dignos de obter a «herança prometida da vida eterna»¹. Os méritos das nossas boas obras são dons da bondade divina². «A graça precedeu; agora restitui-se o que é devido... Os méritos são dons de Deus»³.
- 2010** Uma vez que, na ordem da graça, a iniciativa pertence a Deus, *ninguém pode merecer a graça primeira*, que está na origem da conversão, do perdão e da justificação. Sob a moção do Espírito Santo e da caridade, *podemos, depois, merecer*, para nós mesmos e para outros, as graças úteis para a santificação e para o aumento da graça e da caridade, bem como para a obtenção da vida eterna. Os próprios bens temporais, tais como a saúde e a amizade, podem ser merecidos segundo a sabedoria de Deus. Estas graças e estes bens são objecto da oração cristã. Esta provê à nossa necessidade da graça para as acções meritórias.

¹ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1546.

² Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1546.

³ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 298, 4-5: SPM 1, 98-99 (PL 38, 1376).

2011 *A caridade de Cristo é, em nós, a fonte de todos os nossos méritos* diante de Deus. A graça, unindo-nos a Cristo com um amor activo, assegura a qualidade sobrenatural dos nossos actos e, por consequência, o seu mérito, tanto diante de Deus como diante dos homens. Os santos tiveram sempre uma consciência viva de que os seus méritos eram pura graça.

«Depois do exílio da terra, espero ir gozar de Vós na Pátria, mas não quero acumular méritos para o céu, quero é trabalhar *só por vosso amor* [...] Na noite desta vida, aparecerei diante de Vós com as mãos vazias, pois não Vos peço, Senhor, que conteis as minhas obras. Todas as nossas justiças têm manchas aos vossos olhos. Quero, portanto, revesti-me com a vossa própria *Justiça*, e receber do vosso *Amor* a posse eterna de *Vós mesmo...*»⁴.

CIC 1038-1041: o Juízo final manifestará o nosso mérito

1038 A ressurreição de todos os mortos, «justos e pecadores» (*Act 24, 15*), há-de preceder o Juízo final. Será «a hora em que todos os que estão nos túmulos hão-de ouvir a sua voz e sairão: os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida, e os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação» (*Jo 5, 28-29*). Então Cristo virá «na sua glória, com todos os seus anjos [...]. Todas as nações se reunirão na sua presença e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. [...] Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna» (*Mt 25, 31-33.46*).

1039 É perante Cristo, que é a Verdade, que será definitivamente posta a descoberto a verdade da relação de cada homem com Deus⁵. O Juízo final revelará, até às suas últimas consequências, o que cada um tiver feito ou deixado de fazer de bem durante a sua vida terrena:

«Todo o mal que os maus fazem é registado – e eles não o sabem. No dia em que “Deus virá e não se calará” (*Sl 50, 3*) [...]. Então, Ele Se voltará para os da sua esquerda: “Na terra, dir-lhes-á, Eu tinha posto para vós os meus pobrezinhos. Eu, Cabeça deles, estava no céu sentado à direita do Pai – mas na terra os meus membros tinham fome; o que vós tivésseis dado aos meus membros, teria chegado à Cabeça. Quando Eu coloquei os meus pobrezinhos na terra, constituí-os vossos portadores para trazerem as vossas boas obras ao meu tesouro. Vós nada depositastes nas mãos deles; por isso nada encontrásteis em Mim”»⁶.

1040 O Juízo final terá lugar quando acontecer a vinda gloriosa de Cristo. Só o Pai sabe o dia e a hora, só Ele decide sobre a sua vinda. Pelo seu Filho Jesus Cristo, Ele pronunciará então a sua palavra definitiva sobre toda a história. Nós ficaremos a saber o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais a sua providência tudo terá conduzido para o seu fim último. O Juízo final

⁴ SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Acte d'offrande à l'Amour miséricordieux: Récréations pieuses – Prières* (Paris 1992) p. 512-515 [SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições do Carmelo 1996) p. 1077].

⁵ Cf. *Jo 12, 48*.

⁶ SANTO AGOSTINHO, *Sermão 18, 4, 4*: CCL 41, 247-249 (PL 38, 130-131).

revelará como a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas pelas suas criaturas e como o seu amor é mais forte do que a morte⁷.

1041 A mensagem do Juízo final é um apelo à conversão, enquanto Deus dá ainda aos homens «o tempo favorável, o tempo da salvação» (2 Cor 6, 2). Ela inspira o santo temor de Deus, empenha na justiça do Reino de Deus e anuncia a «feliz esperança» (Tt 2, 13) do regresso do Senhor, que virá «para ser glorificado nos seus santos, e admirado em todos os que tiverem acreditado» (2 Ts 1, 10).

CIC 1048-1050: ser activos enquanto se espera o regresso do Senhor

1048 «Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos como é que o universo será transformado. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reinará a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens»⁸.

1049 «A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes activar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração do mundo futuro. Por conseguinte, embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus»⁹.

1050 «Pois todos os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, ou seja, todos os frutos excelentes da natureza e do nosso esforço, depois de os termos propagado pela terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandato, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o Reino eterno e universal»¹⁰. Então, Deus será «tudo em todos» (1 Cor 15, 28), na *vida eterna*:

«A vida subsistente e verdadeira é o Pai que, pelo Filho e no Espírito Santo, derrama sobre todos sem excepção os dons celestes. Graças à sua misericórdia, também nós, homens, recebemos a promessa indefectível da vida eterna»¹¹.

CIC 1936-1937: a diversidade dos talentos

1936 Ao vir ao mundo, o homem não dispõe de tudo o que é necessário para o desenvolvimento da sua vida corporal e espiritual. Precisa dos outros. Há diferenças relacionadas com a idade, as capacidades físicas, as aptidões

⁷ Cf. Ct 8, 6.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1056-1057.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057.

¹⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 5-6.

¹¹ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses illuminandorum* 18, 29: *Opera*, v. 2, ed. J. RUPP (Monaci 1870) p. 332 (PG 33, 1049).

intelectuais e morais, os intercâmbios de que cada um pôde beneficiar, a distribuição das riquezas¹². Os «talentos» não são distribuídos por igual¹³.

1937 Estas diferenças fazem parte do plano de Deus que quer que cada um receba de outrem aquilo de que precisa e que os que dispõem de «talentos» particulares comuniquem os seus benefícios aos que deles precisam. As diferenças estimulam e muitas vezes obrigam as pessoas à magnanimidade, à benevolência e à partilha; e incitam as culturas a enriquecerem-se umas às outras:

«Eu distribuo as virtudes tão diferentemente, que não dou tudo a todos, mas a uns uma e a outros outra [...] A um darei principalmente a caridade, a outro a justiça, a este a humildade, àquele uma fé viva. [...] E assim dei muitos dons e graças de virtudes, espirituais e temporais, com tal diversidade, que não comuniquei tudo a uma só pessoa, a fim de que vós fosseis forçados a usar de caridade uns para com os outros; [...] Eu quis que um tivesse necessidade do outro e todos fossem meus ministros na distribuição das graças e dons de Mim recebidos»¹⁴.

CIC 2331-2334: a dignidade da mulher

2331 «Deus é amor e vive em Si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem [...] Deus inscreveu nela a *vocação* para o amor e para a comunhão e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes»¹⁵.

«Deus criou o homem à sua imagem; [...] homem e mulher os criou» (*Gn* 1, 27); «Crescei e multiplicai-vos» (*Gn* 1, 28); «quando Deus criou o ser humano, fê-lo à semelhança de Deus. Criou-os homem e mulher e abençoou-os; e chamou-lhes “Adão” no dia em que os criou» (*Gn* 5, 1-2).

2332 A *sexualidade* afecta todos os aspectos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito particularmente à afectividade, à capacidade de amar e de procriar, e, de um modo mais geral, à aptidão para criar laços de comunhão com outrem.

2333 Compete a cada um, homem e mulher, reconhecer e aceitar a sua *identidade* sexual. A *diferença* e a *complementaridade* físicas, morais e espirituais orientam-se para os bens do matrimónio e para o progresso da vida familiar. A harmonia do casal e da sociedade depende, em parte, da maneira como são vividos, entre os sexos, a complementaridade, a necessidade mútua e o apoio recíproco.

2334 «Ao criar o ser humano homem e mulher, Deus conferiu a dignidade pessoal de igual modo ao homem e à mulher»¹⁶. «O homem é uma pessoa; e isso na mesma

¹² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 29: AAS 58 (1966) 1048.

¹³ Cf. *Mt* 25, 14-30; *Lc* 19, 11-27.

¹⁴ SANTA CATARINA DE SENA, *Il dialogo della Divina provvidenza*, 7: ed. G. Cavallini (Roma 1995) p. 23-24.

¹⁵ JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 11: AAS 74 (1982) 91-92.

¹⁶ JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 22: AAS 74 (1982) 107; cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 49: AAS 58 (1966) 1070.

medida para o homem e para a mulher, porque ambos são criados à imagem e semelhança dum Deus pessoal»¹⁷.

CIC 1603-1605: o matrimónio na ordem da criação

1603 «A íntima comunidade da vida e do amor conjugal foi fundada pelo Criador e dotada de leis próprias [...]. O próprio Deus é o autor do matrimónio»¹⁸. A vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador. O matrimónio não é uma instituição puramente humana, apesar das numerosas variações a que esteve sujeito no decorrer dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Tais diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. Muito embora a dignidade desta instituição nem sempre e nem por toda a parte transpareça com a mesma clareza¹⁹, existe, no entanto, em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial. Porque «a saúde da pessoa e da sociedade está estreitamente ligada a uma situação feliz da comunidade conjugal e familiar»²⁰.

1604 Deus, que criou o homem por amor, também o chamou ao amor, vocação fundamental e inata de todo o ser humano. Porque o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus²¹ que é amor (*1 Jo* 4, 8.16). Tendo-os Deus criado homem e mulher, o amor mútuo dos dois torna-se imagem do amor absoluto e indefectível com que Deus ama o homem. É bom, muito bom, aos olhos do Criador²². E este amor que Deus abençoa, está destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum do cuidado da criação: «Deus abençoou-os e disse-lhes: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”» (*Gn* 1, 28).

1605 Que o homem e a mulher tenham sido criados um para o outro, afirma-o a Sagrada Escritura: «Não é bom que o homem esteja só». A mulher, «carne da sua carne»²³, isto é, sua igual, a criatura mais parecida com ele, é-lhe dada por Deus como uma «auxiliar»²⁴, representando assim aquele «Deus que é o nosso auxílio»²⁵. «Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne» (*Gn* 2, 24). Que isto significa uma unidade indefectível das duas vidas, o próprio Senhor o mostra, ao lembrar qual foi, «no princípio», o desígnio do Criador²⁶: «Portanto, já não são dois, mas uma só carne» (*Mt* 19, 6).

¹⁷ JOÃO PAULO II, Ep. ap. *Mulieris dignitatem*, 6: AAS 80 (1988) 1663.

¹⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 48: AAS 58 (1966) 1067.

¹⁹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 47: AAS 58 (1966) 1067.

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 47: AAS 58 (1966) 1067.

²¹ Cf. *Gn* 1, 27.

²² Cf. *Gn* 1, 31.

²³ Cf. *Gn* 2, 23.

²⁴ Cf. *Gn* 2, 18.

²⁵ Cf. *Sl* 121, 2.

²⁶ Cf. *Mt* 19, 4.